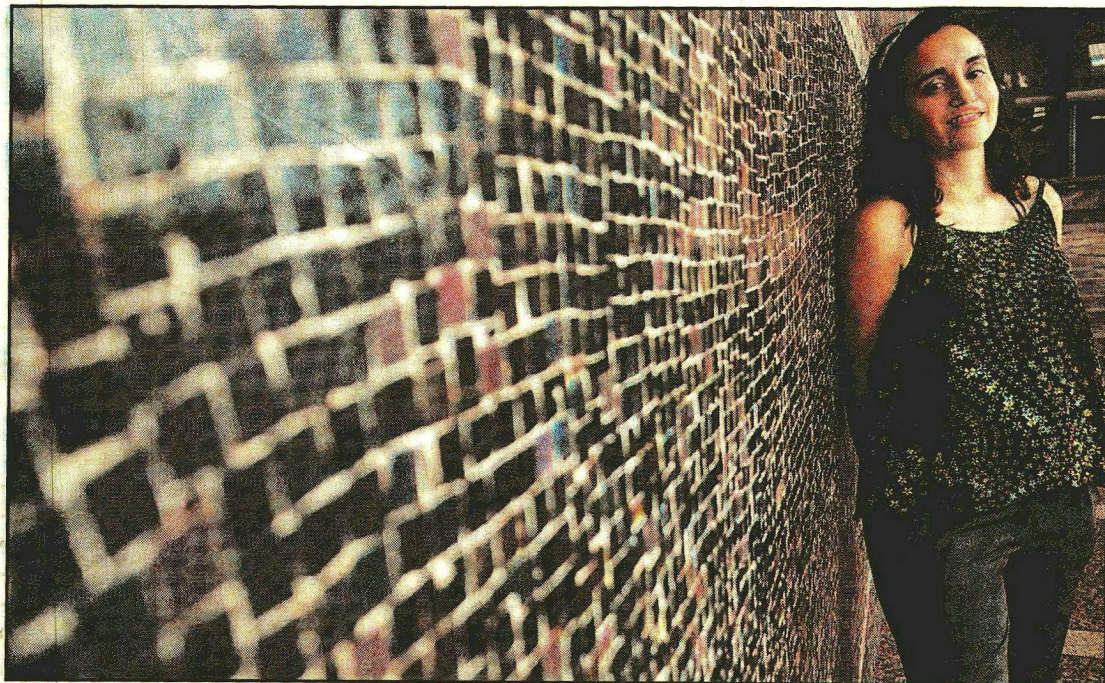




Portadora da doença, a bancária Carina Araújo usa o primeiro remédio oral para a esclerose: menos agressivo

Tratamento individualizado

Se a perda de tecido cerebral é um assunto que mobiliza médicos e pesquisadores em todo o mundo, quem sofre as consequências da esclerose múltipla (EM) também se preocupa com o processo de atrofia. Portador da EM há sete anos, Ronald Carvalho, 39 anos, já usou todas as drogas disponibilizadas pelo SUS na tentativa de desacelerar a doença. Chegou inclusive a fazer um autotransplante de medula em 2006.

Com problemas motores, ele, hoje, consegue mexer apenas um braço e é cadeirante. Há cerca de um ano, teve de abandonar o trabalho como produtor de eventos. Agora, tenta amenizar os efeitos da enfermidade por meio de um tratamento cada vez mais popular no Brasil, a administração de altas doses de vitamina D. "Sinto-me

mais disposto e percebo melhora na parte física também", avalia Ronald. Apesar disso, ele recebe acompanhamento 24 horas por meio de um home care.

Sem hematomas

Cansada dos hematomas que os medicamentos injetáveis deixavam pelo corpo e pela dor de cabeça corriqueira que sentia depois das aplicações de uma droga injetável usada para controlar a esclerose, a bancária Carina Araújo, 31 anos, optou por trocar de remédio ao saber da chegada do fingolimode ao país. "Descobri a doença há quatro anos, quando perdi temporariamente o movimento de um dos braços", conta. Depois disso, ela sofreu um novo surto, quando ficou com parte da

visão do olho direito comprometida. Desde que passou a usar o remédio, não teve mais crises.

O neurologista Carlos Tauil, médico do Hospital de Base de Brasília, explica, no entanto, que a escolha do remédio deve ser individualizada de acordo com o histórico de cada paciente. "Quando a doença avança em uma velocidade claramente agressiva, é preciso reavaliar as opções", pontua. Liberada pela Anvisa para a comercialização no Brasil em 2011, o fingolimode passa agora por avaliação da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologia do Ministério da Saúde para inclusão no rol dos tratamentos fornecidos gratuitamente pelo governo brasileiro. Atualmente, em todo o mundo, 67 mil pessoas usam a medicação. (TC)